HOOLIGANISMO NO FUTEBOL COMO UM FENÔMENO EUROPEU E MUNDIAL

Eric Dunning*

Resumo

Nesse artigo, vou procurar desenvolver uma análise sociológica do hooliganismo no futebol como um fenômeno mundial, explorando o quão longe ele pode ser teorizado e entendido, com base em dados gerados na Inglaterra como base empírica. Chamo atenção também para o fato de que o termo 'hooliganismo no futebol' não é tanto um conceito científico, pertencente às ciências sociais, quanto uma noção construída por políticos e meios de comunicação. Falta precisão ao termo e o seu uso cobre uma variedade de comportamentos desviantes que têm lugar no futebol ou em contextos mais ou menos diretamente relacionados ao futebol. Estas formas de comportamento também variam em relação aos tipos e níveis de violência envolvidos.

Palayras-Chave

Futebol. Hooliganismo. Violência. Figurações.

FOOTBALL HOOLIGANISM AS A EUROPEAN AND WORLD PROBLEM

Abstract

In this paper, I shall endeavour to construct a sociological diagnosis of football hooliganism as a world phenomenon, exploring how far it can be theorized and understood using data generated in England as an empirical base. I stress the fact that the label 'football hooliganism' is not so much a social scientific or social psychological concept as a construct of politicians and the media. As such, it lacks precision and is used to cover a variety of forms of deviant behaviour which take place at football and in more or

^{*} Universidade de Leicester, Inglaterra.

less directly football-related contexts. These forms of behaviour also vary in terms of the kinds and levels of violence that tend to be involved.

Keywords

Football. Hooliganism. Violence. Figurations.

Escrevendo em 1966, único ano em que os ingleses, inventores do futebol, hospedaram e venceram uma Copa do Mundo, o jornalista Lawrence Kithein descreveu de forma sucinta o futebol 'association' (soccer)1, como é conhecido na Inglaterra, como 'o único idioma global além da ciência'2. Uma vez que nem o futebol nem a ciência disseminaram-se completamente por todo o mundo, sendo ainda menos difundidos naquela época, seria mais adequado se Kitchin os classificasse como idiomas globais 'emergentes' em vez de idiomas globais simplesmente. Mais importante para os propósitos deste trabalho, no entanto, é o fato de que Kitchin poderia ter acrescentado que manifestações de hooliganismo³, apesar de que este fenômeno era bem menos publicizado naquela época, ou seja, de grupos de fãs4 violentos e indisciplinados, têm sido um apêndice quase universal a este 'idioma global' tornando-se, em algumas ocasiões (por exemplo, a Inglaterra na década de 1980), uma ameaça à popularidade do esporte e até mesmo à sua viabilidade como um evento de multidões5. Na década de 1960, comumente, muitos ingleses persistiram na idéia et nocêntrica do hooliganismo como um 'problema externo', ao qual eles estariam essencialmente imunes. Paradoxalmente, na

¹ Soccer, termo pelo qual o futebol 'association' é conhecido na Austrália, Canadá e EUA, é usado para distingui-lo de outras versões de futebol (o futebol rugby, o futebol americano etc). Soccer é uma abreviação da palavra 'association' (Nota do Revisor).

² Lawrence Kitchin, 'The Contenders''. The Listener, 27 de Outubro, 1966.

³ O termo 'hooligan' aparentemente entrou para o uso comum da língua inglesa ainda em fins do século XIX, sendo usado para descrever 'bandos de jovens desordeiros'. É possível que seja oriundo da corruptela do nome "Houlihan", uma família irlandesa residente em Londres naquele período que se tornou conhecida pela paixão em brigar (Person, 1983:40).

^{4 &}quot;Fã" é uma abreviação do termo "fanático".

⁵ Ao discutir formas de como resolver politicamente o problema do hooliganismo no futebol, na sequência da tragédia de Heysel, a Primeiro-Ministro Margaret Tatcher aparentemente perguntou a integrantes da Associação de Futebol se a presença do público espectador em jogos era um ingrediente essencial.

década de 1980 o hooliganismo passou a ser considerado "o mal inglês". Mas permitam-me ser mais incisivo. Neste artigo, vou procurar desenvolver uma análise sociológica do hooliganismo no futebol como um fenômeno mundial, explorando o quão longe ele pode ser teorizado e entendido, com base em dados gerados na Inglaterra como base empírica. Minha primeira tarefa, agora, será dar atenção à questão de definição.

Provavelmente o mais importante a se ressaltar, neste contexto, é o fato de que o termo 'hooliganismo no futebol' não é tanto um conceito científico, pertencente às ciências sociais, quanto uma noção construída por políticos e meios de comunicação. Como tal, falta precisão ao termo e o seu uso cobre uma variedade de comportamentos desviantes que têm lugar no futebol ou em contextos mais ou menos diretamente relacionados ao futebol. Estas formas de comportamento também variam em relação aos tipos e níveis de violência envolvidos. Particularmente, políticos e jornalistas utilizam o termo 'hooliganismo no futebol' em um sentido generalizado que inclui, entre outras: formas de violência tanto verbal como física; atirar objetos em jogadores, diretores e funcionários de clubes e envolvidos partidas, bem como em outros fãs; depredação do clube ou de patrimônio privado; brigas envolvendo socos e chutes, armas brancas ou mesmo armas de fogo. Também é importante compreender que estas formas de comportamento ocorrem não somente nas imediações dos campos de futebol, mas envolvem ainda brigas entre grupos de homens que torcem por times opostos e em dias diferentes daqueles em que se realizou um jogo e em contextos, do mesmo modo, distantes dos estádios de futebol como, por exemplo, bares, clubes não esportivos, estações de ônibus ou metrô. Ainda em relação aos usos políticos e midiáticos, o termo 'hooliganismo no futebol' também é utilizado, às vezes de maneira pouco rígida, por exemplo, para designar atos de conduta violenta com orientação política de grupos da direita política. O termo, além disso, é usado em relação a protestos contra dirigentes e proprietários de times e na condenação de comportamentos racistas em situações relacionadas ao futebol como também em brigas mais ou menos diretamente ligadas ao esporte. Como se vê, o 'hooliganismo no futebol' é um fenômeno complexo e multilateral. Permitam-me examinar alguns dados, engendrados por meio de uma análise da cobertura de jornais ingleses, que lançam luz sobre o hooliganismo no futebol como um fenômeno mundial.

Nas fases iniciais da investigação sobre o hooliganismo no futebol que eu e meu colega Patrick Murphy iniciamos na Universidade de Leicester, no final dos anos 19706, como uma atividade complementar ao estudo principal, o qual era mais sistematicamente histórico bem como contemporâneo em seu foco, nós examinamos uma série de jornais ingleses e selecionamos referências a casos de violência relacionada ao futebol, envolvendo torcedores, noticiados como ocorrendo fora da Grã-Bretanha. Nossa busca foi feita em jornais de 1890 em diante, cessando a coleta em 1983 e não mais utilizando periódicos como fontes de dados até 1996. Isso significa que, enquanto nossos números cobriam a maior parte do século XX, eles não cobrem os 13 anos entre 1983 e 1996. Nesse sentido, eles são incompletos. Todavia, até que se realize uma investigação mais sistemática e intensa em linhas semelhantes, esses números podem ser úteis como indicação aproximada do número de incidências de hooliganismo no futebol em todo o mundo ao longo do século XX. Mais particularmente, no decurso dessas investigações nós tivemos acesso aos relatórios de 101 casos de incidentes relacionados a casos de violência no futebol envolvendo espectadores ou fãs, ocorridos em 37 países entre 1908 e 1983. Os países relacionados, bem como o número de incidentes são citados na Tabela 1.

Tabela 1 – Incidência mundial de casos de violência relacionada ao futebol notificados pelos jornais ingleses, 1908-1983.

Argentina	circa 1936, 1965, 1968
Austrália	1981
Áustria	circa 1965
Bélgica	1974, 1981
Bermudas	1980

Itália	1920, 1955, 1959, 1963 (2 incidentes), 1965 (2 incidentes), 1973, 1975, 1979, 1980, 1981, 1982
Jamaica	1965
Libano	1964
Malta	1975, 1980
México	1983

⁶ Em parceria com seu antigo assistente de pesquisa, John Williams, Eric Dunning e Patrick Murphy escreveram três livros sobre o assunto: Hooligans Abroad (1984, 89), The Roots of Football Hooliganism, (1988); e Football on Trial, (1990). Nosso último trabalho está em Dunning, Sport Matters (1999), e em Dunning, Murphy, Waddington e Astrinakis (Orgs.) (2002), Fighting Fans: football hooliganism as a world phenomenos, UCD Press, Dublin.

Brasil	1982	Nova Zelândia	1981
Canadá	1927	Nigéria	1983
China	1979, 1981, 1983	Noruega	1981
Colômbia	1982	Peru	1964
Egito	1966	Portugal	1970
França	1960, 1975, 1977 (2 incidentes), 1980	Romênia	1979
Gabão	1981	Espanha	1950, 1980 (2 incidentes), 1981, 1982
Alemanha*	1931, 1965 (2 incidentes), 1971, 1978, 1979 (2 incidentes), 1980, 1981 (3 incidentes), 1982 (6 incidentes)	Suécia	1946
Grécia	1980 (2 incidentes), 1982, 1983	Suiça	1981
Guatemala	1980	Turquia	1964, 1967
Holanda	1974, 1982	USSR	1960, 1982
Hungria	1908	USA	1980
Índia	1931, 1982	Iugoslávia	1955 (2 incidentes) 1982 (2 incidentes)
Irlanda**	1913, 1919, 1920 (3 incidentes), 1930, 1955, 1970, 1979 (3 incidentes), 1981		

Fonte: Williams, J. et. al., Hooligans Abroad, London, Routledge.

^{*} Exceto pelos incidentes registrados em 1931, esses casos foram registrados como ocorridos na República Federal da Alemanha (Alemanha Ocidental).

^{**} Inclui registros ocorridos no Eire e Ulster, assim como incidentes registrados anteriormente à divisão.

Como se percebe, 16 entre os 37 países relacionados - 17 se incluirmos a antiga USSR - eram europeus. Essa é a maior concentração geográfica de incidentes reportados. As Américas Central e do Sul, com casos de hooliganismo registrados em cinco países, vêm em segundo. Dentre os países europeus, a Alemanha, com 17 incidentes registrados entre 1931 e 1982; a Itália com 13 ocorrências noticiadas entre 1920 e 1952; e a Irlanda com 12 registros entre 1913 e 1982, ocupam o topo da lista. Curiosamente, se os dados relatados em um dossiê de 20 páginas recentemente publicado pelo Council of the European Union constituem uma forma adequada de medida da incidência de hooliganismo no futebol por países - e a conduta de um grupo de hooligans alemães em Lens (França) em 1998 indica essa possibilidade - a Alemanha permanece na liderança, e com grande vantagem, daquela que os autores do dossiê chamaram de 'a divisão da desonra'7. Este registro contrasta marcadamente com o estereótipo dominante que, como dito antes, desde a década de 1980 estabeleceu o hooliganismo no futebol como um 'mal inglês'.

Resta, ainda, uma observação a respeito dos dados da Tabela 1, a qual corresponde ao fato de que a maioria esmagadora dos incidentes que constam na Tabela foi relatada nas décadas de 1960, 70 e 80. Particularmente, 17 incidentes ocorridos nos anos 1960, 20 na década de 1970 e nada menos que 40 nos primeiros três anos da década de 1980. Este padrão observado reflete tanto um aumento factual do número de incidências de hooliganismo no período de 30 anos, quanto um aumento correlato do interesse da imprensa em casos de hooliganismo no futebol como assunto de pauta em jornais. O último aumento ocorreu, também, relacionado ao crescimento do interesse popular e político no hooliganismo como um problema social e ao que se pode chamar, utilizando-se de jargão, a 'tabloidização' da imprensa popular britânica, ou seja, a expansão, em grande parte consequência da competição com os noticiários de televisão, de jornais populares em forma de tablóides sensacionalistas, um processo que teve como uma de suas repercussões, embora em menor escalar, a sensacionalização do noticiário da imprensa tida como 'mais séria', ou a imprensa dos 'jornalões'.

Provavelmente, mais do que qualquer outro incidente isolado, a tragédia de Heysel, ocorrida em 1985, durante a final da Copa dos Campeões

⁷ Publicado em *The Guardian*, em 7 de Outubro de 1999.

Europeus, entre Liverpool e Juventus, realizada em Bruxelas, marcou a imagem do hooliganismo no futebol como um 'mal inglês' de maneira muito rigida nas mentes das pessoas em todo o mundo. Naquela ocasião, um grande grupo de hooligans torcedores do Liverpool tomou conta de uma arquibancada dividida e policiada inadequadamente, levando seus alvos, torcedores italianos (os quais não eram tidos como 'ultras', o equivalente, em italiano, aos hooligans do futebol inglês, embora houvesse grandes quantidades de 'ultras' em outras partes do estádio), à correria. A acumulação de pressão na arquibancada levou um muro danificado ao colapso, fazendo com que 39 italianos perdessem suas vidas. Se perguntadas, provavelmente a maioria das pessoas, em especial nos países ocidentais, apontaria Heysel como a pior tragédia diretamente relacionada ao hooligaismo no futebol ocorrida nos tempos modernos. Os dados da Tabela 2, porém, indicam que este não é o caso, e que futebol e hooliganismo no futebol fora da Europa têm envolvido um grande número de fatalidades e, até mesmo, uma maior incidência de mortes do que os correspondentes ocorridos na Europa, continente em que as pessoas se consideram no ápice da 'civilização' e onde, se Norbert Elias (1939; 1994a) estiver certo, um 'processo civilizatório' pode ser demonstrado factualmente como tendo ocorrido desde a Idade Média.

Ainda que esquemáticos, os números sobre homicídios relacionados ao futebol indicados na Tabela 3 apontam na mesma direção. Itália, o país europeu com a maior incidência de mortes relacionadas ao esporte relatadas entre 1996-99, tem cinco registros, enquanto a Argentina, em grande parte resultado das atividades dos famigerados barras bravas, apresenta 39 incidências noticiadas, quase oito vezes mais. A confirmação quanto à precisão verificável destes dados é fornecida por Pablo Alabarces (in Dunning et al., 2002:23) que indica 137 mortos e mais de 20 mil feridos nestes 68 anos em que o futebol tem sido praticado profissionalmente na Argentina.

⁸ Pequenos conflitos entre torcedores do Liverpool e da Juventus ocorreram em diversas partes de Bruxelas horas antes da partida, especialmente em regiões do e próximas ao centro da cidade. Embora os 'ultras' da Juventus tenham sido alojados em uma arquibancada separada para a partida, os hooligans do Liverpool dividiram uma arquibancada com torcedores italianos não hooligans. Muitos dos ingressos para esta área do estádio tinham sido vendidos no dia da partida, o que representa uma violação do regulamento da UEFA. Foram esses fãs italianos os atacados e dessas fileiras sairam as 39 vítimas.

Tabela 2 - Incidentes selecionados em que violência envolvendo multidões foi noticiada.

País Ano		Partida	Nº. de mortos	Nº. de feridos	
Argentina	1968	River Plate v Boca Juniors	74	150	
Brasil	1982	São Luis v Fortaleza	3	25	
Colômbia	1982	Deportivo Cali v Club Argentina	22	200	
Peru	1964	Peru v Argentina	287-328	5000	
Turquia	1964	Kayseri v Sivas	44	600	
USSR	1982	Moscow Sparta v Harlem	69	100	

Fonte: Williams et. al., loc.cit.

Table 3 – Número de homicídios relacionados ao futebol noticiados pelos jornais ingleses selecionados, Junho 1996 – Outubro 1999.

País	Número
Argentina	39
Inglaterra	3
Itália	5
Países Baixos	1
Total	48

A tragédia de Heysel ocorreu próximo ao ápice de crescimento do número de eventos com hooligans nos países continentais inspirado no hooliganismo inglês; o primeiro destes incidentes ocorreu em fins da década de 1960 e início dos anos 1970 (Williams et. al., 1984; 1989). Uma das conseqüências dessa onda foi a reprodução do estilo dos hooligans ingleses no continente; no entanto, esse é um assunto que não cabe neste contexto⁹. Mais importante para o presente propósito é o fato de que Heysel e toda a reação global ao seu redor também representou um aumento na politização

Os torcedores de países continentais, durante os anos 1970 e 1980, também começaram a imitar o comportamento de fãs ingleses/britânicos de forma mais geral, p. ex. em suas músicas e cantos. A adoção do estilo 'casual' por torcedores ingleses era, naturalmente, um exemplo da difusão em direção oposta, ou seja, da Itália para a Inglaterra e Escócia.

do problema do hooliganismo inglês. Ocorreu, neste sentido, pela primeira vez o envolvimento direto do Primeiro Ministro no problema e a introdução no Parlamento do Football Spectator Bill (Lei dos Expectadores de Futebol), Part I, que exigiu entradas computadorizadas (eletrônicas) para os jogos. Levou, também, a Union Européene de Football Association (UEFA) a banir indefinidamente os clubes ingleses de competições européias - mas não a seleção inglesa - e a um esforço anual da English Football Association (FA) para garantir a readmissão dos clubes. Por um lado, a aprovação do Football Spectators Bill no Parlamento e a tentativa anual da FA em assegurar a readmissão dos times ingleses em campeonatos europeus ajudaram a sustentar o alto nível de interesse popular e dos meios de comunicação no problema do hooliganismo. Por outro lado, a intensa cobertura da mídia conduziu a uma constante observação e comunicação de um grande número de incidentes. ampliando o problema em dois sentidos: primeiro, em termos de percepção. fazendo com que parecesse que mais incidentes (e mais sérios) estivessem ocorrendo do que objetivamente estavam; segundo, factualmente, fornecendo o oxigênio da publicidade anônima que tantos hooligans desejavam, neste sentido, sustentando e até mesmo aumentando o envolvimento de hooligans em vandalismo. A tragédia de Hillsborough, de 1989, em que 96 pessoas perderam suas vidas em uma semifinal de uma (esquecida) FA Cup entre Liverpool e Nottingham Forest é outro 'divisor-de-águas' neste contexto. O desastre foi indiretamente relacionado ao hooliganismo em dois pontos: primeiro como parte de uma tentativa da organização em conter e controlar a ameaça hooligan, os torcedores das arquibancadas - nas quais (usualmente) ficava-se em pé, ao invés de sentado, para se ver as partidas10 - foram forçados a assistir ao jogo dentro de algo que era, na verdade, uma gaiola; em segundo, a polícia interpretou a tentativa de torcedores do Liverpool em escapar de uma perigosa arquibancada superlotada na Leppings Lane, extremo do Estádio Hillborough de Sheffield, como uma invasão de campo por hooligans, o que a levou a manter os torcedores encurralados. No outro extremo, a polícia continuou a obrigar a entrada de torcedores no estádio, muitos dos quais alcoolizados e agressivos, com o objetivo de tirá-los das

¹⁰ Arquibancadas em que se ficava em pé tornaram-se ilegais em estádios em que se disputam partidas de times de alto nível como um resultado da implementação das recomendações de Lord Justice Taylor em seu inquérito sobre a tragédia de Hillsborough de 1989.

ruas e colocá-los em espaços onde estariam mais facilmente controláveis. O resultado da superlotação foi a morte de 96 pessoas esmagadas. A relevância do caso de Hillsborough para os presentes propósitos, contudo, reside no fato de que, em seu inquérito oficial sobre o caso, Lord Justice¹¹ Taylor concluiu que as entradas computadorizadas mais provavelmente aumentaram do que diminuíram a incidência de fatalidades envolvendo multidões. Como resultado, o Governo foi forçado a recuar e, em 1990, a parte 1 da Football Spectators Bill foi retirada. Este fato, por sua vez, teve as seguintes consequências: (i) a despolitização do problema dos hooligans; (ii) a correspondente mudança da decisão da UEFA em banir os times ingleses; (iii) uma queda na 'noticiabilidade' de assuntos relativos ao hooliganismo; (iv) um decréscimo na frequência com que estes assuntos foram noticiados; e (v) uma crescente sensação de que, na Inglaterra, o hooliganismo no futebol tornou-se fora de moda, uma 'coisa do passado'. Essa sensação ganhou relevo graças ao sociólogo Ian Taylor, que escreveu, em 1991, o seguinte: 'Uma espantosa e profunda transformação tem tomado lugar na cultura de algumas arquibancadas de futebol (da Inglaterra)'. Ele atribui este processo a uma suposta conjuntura a qual ele chamou de 'pacote da BBC' para a 'Copa da Itália 90' com a remoção de alambrados em resposta ao relatório de Lord Justice Taylor. De acordo com Ian Taylor, a dinâmica deste processo funcionou como algo com o seguinte padrão: a remoção das 'jaulas' reduziu a frequência do comportamento 'animal' entre os torcedores, isto adicionado à embalagem dada pela televisão à Copa do Mundo de 1990 em que, como Ian Taylor colocou, produziu-se uma nova ênfase em 'estilo', 'a ópera de Pavarotti se mesclaria delicadamente em uma exibição poética do futebol europeu'. Como resultado, Ian Taylor argumentou, 'o hooliganismo (tornouse) repentinamente e decididamente fora de moda, passé, irrelevante' (Taylor, Independent on Sunday, 21 de Abril de 1991).

Apesar do refinamento na linguagem de lan Taylor, o problema nesse tipo de análise impressionista e sem embasamento em pesquisa é que ela envolve uma simplificação grosseira em relação ao hooliganismo, sendo, em muitos aspectos, empiricamente falsa. O que ocorreu na Inglaterra durante a década de 1990 foi que, ao lado de uma ampla despolitização do problema, as

¹¹ Lord Justice é o título dos juízes de instância superior na organização judiciária da Grã-Bretanha (NR).

notícias relacionadas ao hooliganismo no futebol tornaram-se fora de moda, o que não ocorreu com o fenômeno em si. Este foi o caso, especialmente na medida em que a cobertura dos meios de comunicação nacionais esteve voltada para simples partidas domésticas. Isto por conta, entre outras coisas, de sua visibilidade ser inferior aos casos relacionados a partidas internacionais. Por exemplo, a Copa do Mundo de 1990 foi acompanhada, na Inglaterra, por formas de hooliganismo até então sem precedentes, isto é, a eclosão de tumultos, brigas e ataques a pessoas e carros estrangeiros por torcedores que estiveram assistindo pela televisão aos jogos da Inglaterra na Itália. Revoltas semelhantes ocorreram durante a Euro-96 e a Copa do Mundo de 1998. A este respeito, os fatos ocorridos durante a Euro-96 são particularmente interessantes.

É corrente a crença de que a Euro-96 foi realizada sem que tenham ocorridos casos de hooliganismo em escala significativa. Por exemplo, ao discutir as esperanças da FA sobre a possibilidade da FIFA permitir a Inglaterra sediar a Copa do Mundo de 2006, o jornalista Martin Thorpe escreveu sobre a Euro-96: "A habilidade da UEFA em obter um belo lucro de uma competição em que a Inglaterra reuniu os melhores times em campo e manteve os problemas distantes vão figurar bem quando a FIFA escolher o local para a segunda Copa do Mundo deste novo século" (The Guardian, 12 de Outubro de 1996). O alto nível do time da Inglaterra - que chegou às semifinais e só foi superado pela Alemanha numa disputa de pênaltis – e, em geral, o nível do futebol produzido ao longo de todo o torneio, além da atmosfera de carnaval gerada pela maioria das pessoas não podem ser contestados. O que se coloca em dúvida é saber se os problemas foram realmente mantidos distantes dos campos. Existem fortes evidências de que eles existiram de forma ampla e espalhada. Por exemplo, uma multidão de torcedores reunidos na Trafalgar Square, em Londres, para assistir ao jogo da Inglaterra contra a Espanha em 22 de junho teve que ser contida pela polícia. Distúrbios também foram notificados em Hull e brigas entre ingleses e espanhóis foram noticiadas em Fuengirola e Torremolinos, na Costa del Sol espanhola (The Independent, 24 de Junho de 1996). Contudo, os distúrbios mais graves ocorreram com a derrota inglesa para a Alemanha nas semifinais, quando problemas foram noticiados não somente em Londres, mas em Basingstoke, Bedford, Birmingham, Bournemouth, Bradford, Brighton (onde um adolescente russo foi confundido com um

alemão, apunhalado no pescoço, tendo quase morrido), Dunstable, Exeter, Haywards Heath, Mansfield, Norwich, Nottingham, Portsmouth, Shropshire e Swindon (*Daily Mail*, 28 de Junho de 1996). Os incidentes na Trafalgar Square foram noticiados pelo *Daily Mail* da seguinte forma:

O momento agonizante quando o pênalti cobrado por Gareth Southgate foi defendido... foi o gatilho para uma noite de vandalismo. Enrolados em bandeiras e brandindo garrafas, milhares de torcedores saíram de pubs e bares... logo após a vitória da Alemanha... O pior foco surgiu em Trafalgar Square... Foi o centro da... violência orquestrada... Cerca de 2 mil pessoas chegaram à praça pouco antes das 22:06... A situação piorou rapidamente... Carros e motoristas encontraram-se mergulhados em uma rápida escalada de violência em que os automóveis alemães Mercedes e Volkswagen eram os escolhidos. Um grupo de 400 hooligans irrompeu a praça e atacou um carro da patrulha policial. Os dois policiais que o ocupavam tiveram que fugir para salvar suas vidas e o carro foi esmagado em pedaços em menos de um minuto. Os hooligans foram em direção ao Tâmisa, quebrando pára-brisas, virando um veículo e ateando fogo em um carro esportivo japonês... Entre 22:10 e meia-noite, a polícia recebeu mais de 2.500 chamadas requisitando ajuda urgente. Dessas, 730 foram relacionadas a distúrbios violentos... O saldo final em torno da Trafalgar Square foi de 40 veículos danificados, seis tombados e dois incendiados. Sete edificios foram danificados com 25 policiais e 23 membros do público feridos em toda Londres, bem como um adicional de 18 feridos, entre policiais e civis, na Trafalgar Square em si... Cerca de 200 pessoas foram detidas em toda Londres, com 40 presos em Trafalgar Square após cenas deploráveis (Daily Mail, 28 de junho de 1996).

Estes eventos foram os mais intensos de uma série que tomou toda a Inglaterra durante a Euro-96, variando em escala de violência. Eles ocorreram mesmo com a prisão, altamente noticiada, de 'hooligans conhecidos' em diversas partes do país antes do torneio e com o esforço coordenado da polícia, planejado durante três anos e com um custo estimado em 20 milhões de libras (BBC, 10 Julho 1996). O correspondente de esportes do Times, John Goodbody, concluiu, de forma realista, que: "O que a noite de quartafeira destacou foi o fato de que sempre que torcedores ingleses participam de uma competição internacional, é inevitável que existam confusões. Por

mais cuidadosos que sejam os preparativos, os arruaceiros irão garantir a existência de confrontos" (*The Times*, 28 de Junho de 1996).

Os eventos ocorridos em julho de 1998 na França, especificamente em Marselha, provam que John Goodbody está certo. Anteriormente, torcedores ingleses causaram tumultos na Suécia em 1992, em Amsterdã e Rotterdam em 1993, e em Dublin em 1995. Em Dublin, eles forçaram o cancelamento de uma partida entre a Irlanda e a Inglaterra. Defensores da tese do 'hooliganismo como coisa do passado' (p. ex. Helgadottir, 1991; Taylor, 1991) só podem considerar esses incidentes alegando, por meio de uma lógica tortuosa, que os hooligans ingleses tornaram-se pacíficos quando em seus país, só se envolvendo em violência em outros países. Como alternativa, estes autores sugerem que os torcedores dos times da Premiership (Campeonato inglês, Série A) se tornaram mais pacíficos como resultado de uma interação mais efetiva entre os mecanismos coercitivos da polícia e dos clubes aliado a mudanças no modo de ser dos torcedores que apontam em direção a um comportamento mais carnavalesco e consumista (Giulianotti, 1999). O hooliganismo, eles sugerem, permanece obstinadamente entrincheirado nos níveis mais baixos do esporte. Contudo, as evidências vão contra estes argumentos, o que sugere a utilização de uma lógica ptolomaica por parte dos defensores desta tese¹². Tomemos como exemplo os números apresentados nas Tabelas 4, 5 e 6. A Tabela 4 traz uma série de incidentes conhecidos pela polícia, ocorridos no contexto da Premiership, da Football League (Campeonato inglês, 2ª divisão) e de outras partidas de alto nível (p. ex. amistosos de pré-temporadas) durante os anos de 1992 e 93.

¹² A implicação aqui é que tais argumentos são assemelhados às convoluções de Ptolomeu de Alexandria e os astrônomos pré-copernicanos que lutaram para encaixar as observações empíricas em suas visões geocêntricas do sistema solar.

Tabela 4 – Incidentes selecionados envolvendo a participação de hooligans na/relacionados à Premiership, Football League, jogos internacionais, amistosos de pré-temporada e outras partidas na Inglaterra e no País de Gales.

Data	Partida / Fâs Tipo de envolvidos Incidente		Data	Partida / Fãs envolvidos	Tipo de Incidente	
7.10.92	Notts, Forest v Stockport	Gás lacrimogêneo utilizado, 8 policiais feridos	7.3.93	Manchester City v Tottenham	Invasão de campo, brigas fora do estádio*	
18.10.92	Sunderland v Newcastle	30 presos, 200 dispersados	17.3.93	Inglaterra Sub-18 v Ghana	Ataque à polícia	
31.10.92	Leyton Orient v Swansea	Brigas em Londres (Marble Arch)	17.3.93	Sheffield Wed, v Sheffield Utd,	Brigas e assassinato*	
31.10.92	Grimsby v Portsmouth	Objetos lançados contra jogadores	3.4.93	Millwall v Portsmouth	Brigas em pubs, objetos lançados*	
14.11.92	Darlington v Hull	Brigas em bares do centro da cidade e em estações	24.3.93	Peterborough v Leicester	Invasão de campo, incêndio criminoso.	
16.11.92 and 24.11.92	Stoke v Port Vale	Brigas dentro e fora de campo e do centro da cidade	28.4.93	Inglaterra v Holanda	Brigas em bares, polícia atacada	
19.12.92	Chelsea v Manchester Utd.	Gás lacrimogéneo lançado contra um bar em Covent Garden	1.5.93	Reading v Swansea	Brigas dentro e fora do estádio, invasão de campo	
12.1.93	Southend v Millwall	Invasão de campo, brigas em bares	2.5.93	Aston Villa v Oldham	Distúrbios em Oldham; tropa de choque da policia foi usada	
16.1.93	Tranmere	Torcedor espancado até a morte (incidente com características mais raciais do que relacionadas ao futebol)	4.5.93	Exeter v Port Vale	Ataque de torcedores ao árbitro	
19.1.93	Cardiff v Swansea	Invasão de campo, brigas em bares*	8.5.93	Millwall v Bristol Rovers	Invasão de campo, objetos atirados*	

30.1.93	Leicester v West Ham	Brigas fora do estádio, gás lacrimogêneo atirado em um bar.	8.5.93	Halifax v Hereford	Policia montada usada. Brigas dentro do estádio.
20.2.93	Tottenham v Leeds	300 envolvidos em brigas, gás lacrimogêneo atirado em bar*	Div 1 Play-off Semi- Final	Portsmouth v Leicester (no campo do Nottingham's City)	Brigas fora do estádio.
5.3.93	Tottenham and Blackpool fans	Brigas em Blackpool antes da partida Spurs X Man. City.	Div 1 Play-off Final	Swindon v Leicester City (em Wembley)	Torcedores do Leicester saquearam um bar em Wembley. Distúrbios em Swindon.

Indica o juízo da policia sobre os distúrbios suficientemente grave para aumentar os recursos policiais.

Obs.: Dados fornecidos por Ian Stainer, um estudante de pós-graduação de Leicester.

A Tabela 5 resume dados fornecidos pela Polícia Britânica de Transportes (BTP) para o período de 21 de agosto de 1990 a 22 de dezembro de 1993, durante o qual 655 incidentes de diversos níveis de gravidade fora registrados, tendo ocorrido nas proximidades das estações de metrô ou dentro dos trens:

Tabela 5 – Incidentes relacionados ao futebol conhecidos pela Polícia Britânica de Transportes, 1990-1993.

	Temporada			
1990-1991 (21.8.90 – 5.6.91. Inclui decisões de fim de temporada)		204		
1991-1992	(17.8.91 – 3.6.92. Inclui decisões de fim de temporada e uma partida internacional)	260		
1992-1993	(8.8.92 – 31.5.93)	127		
1993-1994	(24.7.93 – 22.12.93. Apenas a primeira metade da temporada)	64		
Total		655		

Obs.: Os 12 incidentes restantes conhecidos pela BTP aconteceram em partidas de pré-temporada.

Já a Tabela 6 é baseada em 69 reportagens sobre hooliganismo no futebol publicadas em 13 jornais ingleses entre junho de 1996 e outubro de 1999. Um total de 110 incidentes foram mencionados e/ou descritos nessas matérias. Destes, 69 foram relatados como tendo ocorrido na Inglaterra ou no País de Gales e mais de 20 envolveram torcedores ingleses no exterior. Em 12 destes últimos os torcedores ingleses foram tidos como agressores e os oito restantes como vítimas. Dos 21 incidentes remanescentes, cinco envolveram torcedores holandeses, quatro envolveram fãs argentinos, quatro italianos, dois torcedores alemães, dois russos, um iraniano e, por fim, um escocês. Dos incidentes relatados, 24 foram publicados em 1996, 19 em 1997, 59 em 1998 e oito entre os meses de janeiro e outubro de 1999. Percebe-se que os maiores números são notificados em 1996 e 1998, respectivamente os anos da Euro-96 e da Copa do Mundo da França, o que indica nitidamente o grande interesse no hooliganismo em conjunção com os torneios mais importantes.

Tabela 6 – Número de incidentes envolvendo hooligans noticiados nos jornais ingleses selecionados. Junho 1996 – Outubro 1999*

Incidentes noticiados envolvendo torcedores ingleses em países estrangeiros como: (a) agressores (b) agredidos	12 8
Incidentes noticiados envolvendo torcedores da Argentina (4); França (2); Alemanha (2); Irã (1); Itália (4); Países Baixos (5); Rússia (2); Escócia (1)	21
Total	110

^{* 23} dessas reportagens foram publicadas pelo *The Guardian*, 18 pelo *The Leicester Mercury* e 15 pelo *The Observer*.

Quem são os hooligans, e por que eles se comportam dessa maneira? Um exame de algumas explicações populares e científicas irá nos ajudar a lançar luz sobre esse assunto.

Na Inglaterra, cinco principais interpretações populares do hooliganismo no futebol foram propostas, cada qual defendida pelos meios

de comunicação, políticos e membros do público em geral. Essas explicações - algumas delas, pelo menos em parte, contraditórias entre si - são de que o vandalismo no futebol é causado por: consumo excessivo de álcool; incidentes violentos em campo, durante o jogo, ou arbitragens tendenciosas e incompetentes; desemprego; melhores condições de vida; e 'permissividade'. Nenhuma delas, porém, é apoiada em evidências disponíveis que indiquem um papel significativo na gênese do hooliganismo. O consumo excessivo de álcool não pode ser tido como uma 'causa' do hooliganismo no futebol. pois nem todos os torcedores que bebem em contextos relacionados ao futebol participam de brigas, nem mesmo aqueles que costumam beber demasiadamente. O inverso também é verdadeiro, ou seja, nem todos os hooligans bebem antes de brigas, pois precisam estar sóbrios antes de iniciar um combate a fim de direcionar suas ações e evitar que sejam pegos desprevenidos por rivais ou mesmo pela polícia (Dunning et al, 1988). Existe uma ligação indireta entre o hooliganismo no futebol e o consumo de álcool, qual seja, a existência de normas de masculinidade nos grupos envolvidos tende a exacerbar a capacidade de luta, a força, a 'lealdade para com os amigos' e a capacidade de tomar uma cerveja como formas de se mostrar 'homem', testes de masculinidade que estão diretamente relacionados ao hooliganismo.

Embora, sem dúvida, contribuam para a violência e o tumulto de diferentes formas, a violência em campo e arbitragens que são tidas como. ou realmente são, tendenciosas, podem, da mesma forma, ser recusadas como fatores explicativos das raízes do hooliganismo. Isto porque incidentes violentos ocorrem antes e depois, bem como durante os jogos, muitas vezes a distâncias consideráveis dos estádios. Também não se pode considerar que o desemprego – a 'causa' favorita da esquerda política – seja, em algum sentido simplista, o produtor do hooliganismo no futebol. Exemplificando, durante os anos 1930, quando o desemprego na Inglaterra era alto, a incidência de relatos acerca de violência relacionada às partidas esteve o tempo inteiro baixa. De forma similar, quando o hooliganismo no futebol inglês começou a entrar em sua fase atual, na década de 1960, a taxa nacional de desemprego incluindo o desemprego entre jovens do sexo masculino, uma das principais medidas acerca do fenômeno - estava em seu nível mais baixo já registrado. Atualmente, a taxa de participação em atos de vandalismo no futebol por desempregados varia regionalmente, sendo mais alta em áreas como o norte da Inglaterra, onde o desemprego é maior, ou mais baixa em áreas em que geralmente se têm baixos níveis de desemprego, como em Londres ou no sudeste inglês. Na verdade, quase todos os principais clubes ingleses têm seus hooligans, independentemente da taxa local de desemprego, e torcedores de áreas mais abastadas costumavam, na década de 1980, provocar regularmente seus rivais menos afortunados acenando com notas de 5 ou 10 libras, cantando (no tom de "You'll never walk alone") 'You'll never work again'!\frac{1}{3}. No entanto, o desemprego pode ser tido como uma causa indireta do hooliganismo no futebol, no sentido de ser um entre um conjunto de fatores que contribuem para perpetuar as normas de agressiva masculinidade que parecem estar envolvidas.

A quarta explicação popular para o hooliganismo no futebol, qual seja, a de que a "afluência", em vez do desemprego, é o principal causador, tende a ser preferida pela direita política. Esta compreensão não está somente em contradição direta com aquela que faz referência ao suposto papel 'causal' do desemprego, mas também é por vezes associada à explicação em favor da 'permissividade', por exemplo, quando sugere que o hooliganismo no futebol é um atributo da geração que conseguiu tudo muito rapidamente. No entanto, qualquer que seja a sua forma, a explicação em termos da 'riqueza' é contrariada por evidências disponíveis, e parece, em grande parte, o resultado de uma leitura incorreta da mudança de estilos entre parte dos torcedores britânicos jovens durante a década de 1980, do 'skinhead' ao estilo 'casual'. O estilo skinhead foi, evidentemente, comum entre as classes trabalhadoras; o estilo casual, pelo contrário, aparenta ser 'sem classe'. As roupas usadas pelos adeptos desse último estilo, no entanto, podem ou não ser necessariamente caras. Ocasionalmente elas são roubadas ou apenas aparentam ser caras, por exemplo, quando etiquetas de grifes são costuradas em blusões mais baratos. É evidente que alguns hooligans vivem ao menos durante algum tempo em boas condições financeiras, seja porque eles possuem empregos bem remunerados, ou são filhos de pais prósperos, ou porque eles conseguem dinheiro através de atividades econômicas ilegais ou se envolvendo em crimes. Mas a maior parte das evidências disponíveis

[&]quot;You'll Never Walk Alone" ('Você Nunca Caminhará Sozinho') é o lema oficial do Liverpool Football Club e é uma música cantada em todos os jogos por seus torcedores. "You'll Never Work Again" significa 'Você Nunca Mais Vai Trabalhar' (NR).

vai de encontro à 'tese da afluência'. Dados razoavelmente consistentes sobre as origens sociais do hooliganismo no futebol começaram a se tornar disponíveis já nos anos 1960. Desde então, estes dados sugerem que enquanto os hooligans, em geral, originam-se de todos os níveis da hierarquia de classes sociais, a maioria deles vem das fileiras das classes trabalhadoras e tem um baixo nível de educação formal (Dunning *et al*, 1988). Contudo, devo retornar a este assunto mais tarde.

A compreensão popular referente à "permissividade" demonstra ser igualmente deficiente. É pouco plausível que o advento da chamada "sociedade permissiva" na Grã-Bretanha da década de 1960 coincida com o crescimento da percepção do comportamento problemático de fãs de futebol pelas autoridades e pela mídia, e com a maior, embora ainda informal, organização dos hooligans em "bandos de lutas". Todavia, o hooliganismo na Grã-Bretanha como um fato, e não apenas como um nome, pode ser identificado já nos anos de 1870 e 1880 (Dunning et al, 1988) e o golpe de misericórdia no argumento da "permissividade" é dado pelo fato de que, desde que o hooliganismo começou a ser reconhecido na Grã-Bretanha como um problema social na década de 1960, as partidas de futebol se tornaram mais fortemente policiadas e submetidas a controles mais rígidos. Ou seja, assistir ao futebol Inglês tornou-se qualquer coisa, exceto algo "permissivo". Além disso, durante os anos 1980, membros do governo Tatcher procuraram formas explicitamente autoritárias, por meio de políticas de "lei e ordem", de reverter o que eles identificavam como a "permissividade" generalizada e nociva dos anos 1960 e 1970. Não obstante, o hooliganismo no futebol, assim como o crime em geral, continuou a crescer. Permitam-me, agora, recorrer às principais definições acadêmicas do hooliganismo no futebol até hoje propostas.

Além da abordagem 'figuracional', ou da 'sociologia processual', em que o presente artigo está baseado¹⁴, cinco principais abordagens teóricas do estudo do hooliganismo podem ser identificadas: a abordagem 'antropológica' de Armstrong e Harris (1991) e Armstrong (1998); a abordagem de Giulianotti (1999), possivelmente melhor identificada como "quase-etnográfica, pós-moderna"; a abordagem marxista de Taylor (1971;

¹⁴ Sociologia figuracional, ou sociologia processual, é a síntese da abordagem a qual Norbert Elias foi pioneiro. Veja, por exemplo, a sua obra What is Sociology? (1978).

1982) e Clarke (1978); e a abordagem relacionada à 'teoria da psicologia reversa' defendida por Kerr (1994). Cada uma dessas abordagens possui seus pontos fortes particulares. Contudo, elas também possuem seus pontos fracos.

Otrabalho antropológico sobre o hooliganismo no futebol realizado por Armstrong e Harris bascia-se em detalhes descritivos, ricos em profundidade, do comportamento de adeptos do hooliganismo em Sheffield, uma cidade onde existem dois clubes. Trata-se de um trabalho teoricamente eclético, centrado no presente e, como é frequente em etnografias ou observações participantes, seu principal autor (Armstrong) parece insuficientemente atento às limitações que derivam da confiança no testemunho, com pouca sustentação, de um único indivíduo. Isso também é válido para o trabalho de Giulianotti. Armstrong também peca ao atribuir atenção insuficiente às formas em que a dinâmica do comportamento e das relações dos torcedores podem ser afetados pelo fato de Sheffield ser uma cidade com dois clubes; bem como a necessidade de uma observação comparativa entre cidades com um único clube, como o caso de Leicester, e outras cidades com dois times, como Liverpool e Nottingham, foi aparentemente esquecida. Também é insuficiente a atenção dada para mudanças ocorridas ao longo do tempo, o que é igualmente verdade em relação ao trabalho de Giulianotti. As limitações de Armstrong (e de Giulianotti) são agravadas pela dispensa peremptória, e por vezes pouco acadêmica, de praticamente toda investigação no campo que seja diferente da deles, uma postura pouco propícia ao diálogo aberto e, consequentemente, à possibilidade de estabelecer em que medida as conclusões retiradas do trabalho em Sheffield, em muitos aspectos rico, denso e profundo, confirmam ou refutam as conclusões de outros trabalhos já realizados.

Otrabalho de Taylor e Clarke está mais diretamente dentro dos cânones sociológicos da replicabilidade e da testabilidade do que os de Armstrong e Giulianotti. Também é menos descritivo e mais esclarecedor a respeito das formas como o desenvolvimento do futebol inglês tem sido associado ao caráter capitalista da economia. Contudo, nenhum desses autores realizou pesquisas aprofundadas e sistematizadas sobre o hooliganismo no futebol, e ambos aparentemente falharam em compreender o significado do fato de que o hooliganismo no futebol envolve principalmente conflitos entre grupos de classes sociais, que apenas periodicamente estão envolvidos diretamente em

conflitos com autoridades do futebol e com a polícia – e menos diretamente com outros representantes do Estado e do governo – como parte de uma tentativa de brigar entre si. Em seus primeiros trabalhos, Taylor chega a descrever romanticamente o hooliganismo no futebol como um "movimento de resistência da classe trabalhadora". Marsh et al não chegam a cometer os mesmos erros. No entanto, o trabalho deles também carece de uma dimensão histórica, com a conseqüência de que eles tendem a ver os combates hooligans – ou o que eles chamam de 'aggro' – como uma constante histórica, uma constante fixa até o momento em que as autoridades tentam varrê-la para fora e a transformam em 'real', ou seja, em violência séria. Ademais, em seu entendimento de 'aggro' como um 'ritual de violência', ou seja, como violência que é essencialmente simbólica ou metonímica, no sentido de envolver uma postura agressiva, mas não a conclusão, ou a consumação, do ato de agressão, eles falham em não ver que a agressão ritualizada pode se tornar seriamente violenta.

Por fim, através do seu uso de uma teoria 'reversa', Kerr parece fazer pouco mais do que revestir com um jargão psicológico algumas idéias sociológicas relativamente simples.

Kerr parece acreditar que a busca dos hooligans por excitação através da violência, de atos desviantes e delinqüentes em contextos relacionados ao futebol pode ser explicada como uma simples 'inversão' de um estado metamotivacional, 'fastio' (Kerr, 1994: 33ss) para outro, 'excitação'. É difícil compreender como o que ele escreve é mais do que cobrir de uma linguagem psicológica aquilo que eu e Elias escrevemos há mais de 20 anos (embora tenhamos escrito sobre rotinização neste contexto, e não simplesmente 'fastio') ao mesmo tempo em que reduz uma realidade sócio-comportamental complexa e dividida em vários graus em uma dicotomia crua. Acima de tudo, não há nenhuma referência no trabalho de Kerr ao que também está discutivelmente em jogo nas brigas entre hooligans, a saber, as normas de masculinidade, elementos centrais na explicação da sociologia figuracional/processual.

A abordagem figuracional do hooliganismo no futebol é histórica e processual, estando preocupada com eventos e processos estruturados ao longo do tempo. Ela também envolve um estudo dos significados do comportamento hooligan através de uma análise literal de declarações dos próprios hooligans, localiza-os na estrutura social, sobretudo no sistema de classes, e analisa a dinâmica dos relacionamentos entre eles e grupos na sociedade em geral. Por conta do curto espaço, vou analisar brevemente apenas alguns dados acerca dos significados e das posições sociais de hooligans ingleses. Aqui estão algumas citações literais que lançam luz sobre as características dos valores e das motivações de hooligans ingleses. Como se vê, eles se mantiveram relativamente estáveis ao longo do tempo.

Recordando algumas das emoções vividas durante seus dias de ativo envolvimento hooligan, nos anos 1960, E. Taylor escreveu no *The Guardian*, em 1984, o seguinte:

A emoção da batalha, o perigo, o aumento da atividade do corpo e da mente bem como da adrenalina correndo, o medo e o triunfo da superação. Hoje em dia, quando se inicia uma confusão em um jogo eu me sento vivo e fico perto de me envolver. Eu posso não esquecer dos perigos das lesões físicas e dos processos penais, mas eu os ignoro. (*The Guardian*, 28 de março, 1984).

Sentimentos semelhantes foram expressos por um motorista de caminhão de 26 anos, entrevistado por ocasião do jogo entre Cardiff City e Manchester United, em 1974, momento em que sérios problemas foram justamente antecipados por autoridades e pelos meios de comunicação. Ele disse:

Eu vou a um jogo por um único motivo: a pancadaria. É uma obsessão. Eu sinto tanto prazer quando estou no meio de uma briga que quase molho minhas calças... Eu viajo por todo o país procurando por isso... Toda noite, durante a semana, a gente procura parecer respeitável... Então, quando a gente vê alguém que parece com o inimigo, a gente pergunta as horas; se ele responde com um sotaque de fora, a gente bate nele, e se ele tem algum dinheiro, a gente fica com ele (Harrison, 1974: 602-4).

Aqui está como um de nossos informantes de Leicester se expressa, em 1981. Suas palavras ilustram o tipo de racionalidade que tende a ser envolvida:

> Se você puder surpreender os 'tiras', você vence. Você só tem que saber o que eles vão planejar. E, você sabe, metade do tempo você sabe o que eles vão fazer, porque eles fazem o mesmo caminho toda semana, semana sim, semana não. Se

você descobre uma maneira de pegá-los, você dá gargalhadas: você vai ter uma boa briga.

Finalmente, quando entrevistados nos anos de 1984 e 1985 para o documentário *Hooligan*, da *Thames TV*, um membro da "Inter City Firm", uma gangue de torcedores do West Ham United que estava entre os grupos de hooligans mais conhecidos naquele momento, disse:

A gente não – a gente não, bem, a gente vai com a intenção de brigar, você sabe o que eu quero dizer... A gente procura por isso.... É ótimo. Você sabe, se tiver, tipo, 500 caras vindo pra cima de você, e você sabe que eles vão estar esperando por você, é – é bom saber, tipo. É como estar em uma partida de tênis, entende? Você tem de aquecer para jogar. Nós esquentamos para lutar ... Eu acho que eu brigo, tipo, pra poder fazer o meu nome e que, você sabe. Eu espero que as pessoas, tipo, me respeitem por aquilo que eu fiz.

Apesar de cobrirem um período de mais de 30 anos, essas declarações são consistentes. O que elas revelam é que, para (a maioria dos) os homens jovens envolvidos, os combates entre hooligans no futebol estão basicamente associados à masculinidade, à disputa territorial e à excitação. Para eles, a briga é uma fonte central de significado, status ou "reputação", além de prazerosa excitação emocional. Desse modo, Taylor fala da 'emoção da batalha' e da 'adrenalina correndo'; o membro da Inter City Firm se refere não somente à emoção gerada na briga, mas também no respeito entre seus parceiros que ele espera que seu envolvimento traga; e o motorista de caminhão fala da pancadaria como uma obsessão prazerosa, uma obsessão quase erótica. Este último ponto ganhou ênfase quando Jay Allan, um líder dos "Aberdeen Casuals", uma gangue hooligan escocesa, descreveu as brigas no futebol como sendo ainda mais prazerosas que sexo (Allan, 1989). Uma outra expressão não inglesa desse tipo de sentimento foi apontada em 1994 por um torcedor brasileiro de 17 anos que disse a um repórter do Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro: "Pra mim, brigar é divertido. Eu sinto uma grande emoção quando o outro cara grita de dor. Eu não me preocupo com o que as outras pessoas dizem, contanto que eu esteja feliz" (The Australian, 15 de dezembro de 1994). Isto é semelhante ao deleite relatado por alguns líderes dos 'Headhunters' ao punir com dor e ferir outros torcedores. Trata-se de uma gangue de torcedores neo-nazistas do Chelsea, apresentada por Donal Macintyre em um documentário da BBC 1, exibido em 10 de novembro de 1999.

E quanto aos antecedentes de posição e classe social dos hooligans? A categoria de classe social levanta questões sociológicas complexas e controversas no que corresponde a sua definição e mensuração. No entanto, embora os dados disponíveis sobre as origens sociais e os atuais rankings de estratificação social dos hooligans ingleses permaneçam escassos ou pouco 'rigidos', de acordo com o que eles representam, o que se sugere é que: enquanto os hooligans vêm de todos os níveis da hierarquia de classes, a maioria, entre 70 e 80%, é composta pela classe trabalhadora no que diz respeito às origens sociais e, mais geralmente, permanecem como tal em termos de sua atual posição na estratificação social. Ou seja, boa parte de seus pais dispunha de baixos níveis educacionais e trabalhava, ou trabalha, em ocupações manuais, enquanto a maioria dos hooligns tem falhado em superar o nível social dos seus pais. Os dados também sugerem, com uma possível exceção principal, que este tipo de distribuição tem-se mantido relativamente estável desde a década de 1960, quando o vandalismo no futebol inglês começou a atrair a atenção do público. Mais especificamente, os dados de Harrington (1968) sobre a década de 1960, Trivizas (1980) sobre os anos 1970, Stuttard (1985) e do grupo de Leicester (1985, 1988) bem como Armstrong (1999) sobre a década de 1980, e o grupo de Leicester novamente sobre os anos 1990, todos indicam que a maioria dos hooligans do futebol inglês (bem como alguns de seus companheiros alemães) vem dos níveis mais baixos da escala social. Entretanto, uma pequena proporção é recrutada da camada média, e uma menor ainda dos estratos mais altos. Permitam-me explorar esse padrão e os dados que o apóiam com maiores detalhes.

A análise realizada por Harrington em 1968 sobre as ocupações de 497 hooligans condenados demonstrou a preponderância de trabalhadores e de trabalhadores não-qualificados (veja Tabela 7). Mais de uma década depois, Trivizas (1980) chegou a conclusões semelhantes. Mais particularmente, com base nos dados da Polícia Metropolitana de Londres sobre 520 infrações cometidas em "eventos de futebol com multidões" durante os anos de 1974-5, ele descobriu que:

Mais de dois terços (68,1%) dos acusados de delitos relacionados ao futebol eram trabalhadores manuais... Apenas oito infrações relacionadas ao futebol foram cometidas por pessoas com ocupações intermediárias. Seis foram cometidas por estudantes, três por individuos com ocupações profissionais, e três por membros das forças armadas (Trivizas, 1980: 281-3).

A conta impressionista de Harrisson dos 'desordeiros leais' do Cardiff City em 1974 traça um cenário semelhante. Ele os descreveu como vindos de "Cantão e Grangetown, fileiras de casas com terraços de poucos espaços abertos, e de Llanrumney, um enorme conjunto habitacional municipal com um terrível histórico de vandalismo" (Harrison, 1974: 602). Embora Marsh et al não se dirijam diretamente à questão da classe social em seus estudos sobre torcedores do Oxford United realizado em 1978, alguns de seus informantes forneceram depoimentos relevantes a respeito. Um deles, por exemplo, disse: "Se você vive em Leys (um conjunto habitacional de Oxford) então você tem que brigar, ou então as pessoas zombam de você e pensam que você é um pouco mole ou algo do tipo" (Marsh et al, 1978:69). De fato, mais da metade do grande contingente de torcedores do Oxford presos durante sérios tumultos no jogo Coventry City e Oxford United, pela FA Cup, em janeiro de 1981, veio do conjunto habitacional em questão (Oxford Mail, 9 de janeiro de 1981). Dados coletados pelo grupo de Leicester dão suporte a este panorama geral. Um único conjunto habitacional contribuiu com 87, ou 20,32%, dos 428 presos em contextos relacionados ao futebol entre os anos de 1976 e 1980. Em 1981 e 1982, anos em que a observação participante da pesquisa de Leicester foi realizada nesse local, as ocupações de 23 hooligans ativos desse estado foram as seguintes: dois motoristas, um barman, um funcionário de matadouro, três seguranças de boates, um assistente de uma casa de apostas, três trabalhadores de fábricas (dois em confecções de meias e um em sapatos e botas), um leiteiro, um aprendiz de tipografia, um aprendiz de eletricista, um trabalhador da construção civil e oito desempregados.

A eventual mudança neste modelo, à qual me referi anteriormente, é apontada pelos dados na Tabela 7, mais particularmente pelo fato dos dados de Harrington, de 1968, sugerirem que 12,9% dos hooligans presos eram trabalhadores qualificados, comparados aos 24,1% dos dados de Stuttard e Dunning et al sobre a gangue 'Inter City Firm' (ICF), do West Ham United,

em 1985, e os 46,8% dos dados de Armstrong de 1987 baseados nos 'Blades', do Sheffield United. Numa palavra, esses dados sugerem a ocorrência de um crescimento da participação de trabalhadores qualificados no hooliganismo, relativamente aos não-qualificados e dos semi-qualificados, na década de 1980 em comparação com as décadas de 1960 e 1970.

Tabela 7 – Tendências na classe ocupacional dos hooligans ingleses empregados, 1968 – 1987*.

Classe Ocupacional	Harrington, 1968		Stuttard/ Dunning, 1985		Armstrong, 1987	
	N	%	N	%	N°	%
Profissionais	2	0,5**			3	2,1
Intermediários			8	5,7	7	4,9
Qualificado não-manual	19	4,9	2	5,7	24	16,8
Qualificados manual	50	12,9***	34	24,1	67	46,8
Semi-qualificados	112	28,8	10	7,0	14	9,8
Não-qualificados	206	52,9	25	17,7	28	19,6

Os números excluem os estudantes, aprendizes, desempregados e aqueles cujas ocupações foram inclassificáveis de acordo com o esquema oficial do Registro Geral.

Assumindo que tenha, de fato, ocorrido este suposto aumento da participação de jovens trabalhadores qualificados no hooliganismo parece ter correspondência com o abandono dos hooligans e dos jovens torcedores, de maneira geral, do estilo 'skinhead', o qual era associado à classe trabalhadora, e a conseqüente adoção de um estilo aparentemente da classe média, ou de um estilo não relacionado a classe, conhecido como 'casual'. Embora os números sejam escassos e relativamente pouco confiáveis, os dados obtidos de jornais ingleses e apresentados na Tabela 8 nos fornecem a confirmação da manutenção deste padrão até fins da década de 1990. Deve-se notar, no entanto, que as ocupações de dois alemães estão incluídas neste quadro e a descrição de si próprio como um "magnata imobiliário" por um hooligan inglês pode ter sido um exagero.

^{**} Profissionais e intermediários classificados juntos.

^{***} Harrington utiliza diferentes categorias.

Table 8 – Dados selecionados em jornais ingleses sobre a situação ocupacional de hooligans ingleses e alemães presos, 1997-8*.

Classes alta e média Magnata Imobiliário	1
Intermediária e indeterminada Profissional em TI (em Londres); trabalhador de escritório; engenheiro; bancário; vidraceiro autônomo; gerente de loja de tatuagens (alemão)	6
Classe trabalhadora Trabalhador em hospital; operário em fábrica; empregado da ParcelForce [Empresa Privada de Entrega de Encomendas e Correspondências]; trabalhador dos correios; carteiro; metroviários (2); assentador de pisos; reparador de telhados; bombeiro da Força Aérea Britânica; oleiro; soldado; escultor de moldes plásticos; pedreiro; aprendiz de mecânico (alemão)	15
Total	22

^{*} Fontes: The Times; The Leicester Mercury; The Guardian; The Observer; The Sunday Times.

Pesquisas sobre a classe social de hooligans na Escócia, Bélgica, Holanda e Itália sugerem que os hooligans em outros países tendem a vir de origens sociais, em muitos aspectos, semelhantes aos seus homólogos ingleses. Um estudo sobre torcedores escoceses, por exemplo, revela que:

Todas as evidências apontam para o fato de que os torcedores vêm predominantemente dos níveis mais baixos da escala social, e são basicamente jovens da classe trabalhadora. (Na sondagem realizada em Edimburgo, 75% dos torcedores presos foram classificados como 'trabalhadores manuais não-qualificados' ou 'desempregados'. Nenhum deles se enquadrou na categoria 'profissional de gerência') (Harper, 1989:90).

Do mesmo modo, um estudo sobre o hooliganismo no futebol na Bélgica concluiu que "a maior parte dos hooligans (belgas) mais radicais... teve uma carreira escolar curta e frustrante. A maioria... vem de famílias instáveis da classe trabalhadora. Quase nenhum... tem um emprego regular... Sua situação material é pobre, os 'casuals' conseguem suas roupas caras por meio de roubo." (Van Limbergen *et al*, 1987:8). De acordo com a pesquisa de Van der Brug na Holanda, os hoolingans holandeses típicos tendem a se ressentir e a resistir à educação formal; são mais sujeitos ao desemprego do que os não-hooligans; têm pais que demonstram uma relativa tolerância ao o uso da violência e a agressões; e ganham prestígio e status brigando e, em geral, demonstrando suas características machistas (Van der Brug, 1986). Por fim, com base em uma sondagem realizada com 'ultras' de Bologna, Roversi concluiu que:

A maioria dos jovens 'ultras' é da classe trabalhadora. O grupo estudado é formado por 169 homens e 46 mulheres. Nesse grupo, os trabalhadores qualificados e não-qualificados de colarinho azul predominam, tanto quando comparados a trabalhadores de outras categorias quanto no âmbito da amostra como um todo; eles representam 80,3% e 51,9%, respectivamente. Eles são auxiliares em armazéns, porteiros, assistentes de loja, pedreiros, carpinteiros, mas, acima de tudo, trabalhadores de chão-de-fábrica... Deve-se enfatizar que apenas 3,9% de toda a amostra admitiu estar desempregado (Roversi, 1994: 359-81).

Apesar de diferenças de orientação teórica, conceitual e metodológica, há uma substancial coerência entre esses estudos escoceses, belgas, holandeses e italianos e os resultados das pesquisas empreendidas por Harrington, Armstrong e Trivizas e aqueles das investigações de Leicester. Porém, é importante enfatizar que é improvável que o fenômeno do hooliganismo no futebol seja encontrado sempre, e em toda parte, originando-se das mesmas raízes sociais. Como ponto de partida para novas investigações transnacionais, é razoável a hipótese de que o problema seja constituído e alimentado por, entre outras coisas, o que se poderia chamar de especificidades de alguns países em particular. Na Inglaterra, isso corresponde a desigualdades regionais e de classe social; na Escócia e na Irlanda do Norte, sectarismo religioso; na Espanha, os nacionalismos lingüísticos de catalães, castelhanos, bascos e galegos; na Itália, particularismos entre cidades, e talvez a divisão entre norte e sul e a formação da 'Liga do Norte'; e na Alemanha, as relações entre leste

e oeste e grupos políticos de esquerda e direita. Uma das diferenças que estes padrões variáveis podem impor é, por exemplo, o fato de que sectarismo religioso e particularismos entre cidades podem atrair mais pessoas das camadas sociais mais elevadas. Sem dúvida, porém, é o fato de que uma das características compartilhadas entre todas essas especificidades envolve aquilo que Elias (1965, 1994b) chamou de 'figurações entre estabelecidos e outsiders' em que intensos laços entre o Nós (We-group) e um correspondente antagonismo para com o Eles (They-group), ou os 'outsiders', é susceptível de se desenvolver. Contudo, deixem-me ser perfeitamente claro. Eu não considero esse aspecto como tendo o status a não ser de uma hipótese de trabalho, a qual deve ser submetida ao escrutínio público e testada por meios sistemáticos, teoricamente orientados, de pesquisa empírica transnacional. Sem dúvida, neste contexto, esta hipótese terá de ser revista, ampliada e modificada, podendo até mesmo ser rejeitada. Espero, porém, que este artigo sirva de base a partir da qual um programa de pesquisa transnacional sobre o hooliganismo no futebol possa ser construído, o que permitirá políticas de combate ao problema mais efetivas tanto nos níveis europeu quanto nacionais, e pôr em prática mais do que aquilo que os grupos poderosos têm a oferecer. Tais políticas são urgentemente necessárias, pois a grande invenção social do futebol deve estar protegida contra essa grave ameaça representada pelos torcedores hooligans, políticos complacentes, e dirigentes, empresários e jogadores mais interessados em dinheiro.

Bibliografia

ARMSTRONG, G. 1998. Football hooligans: knowing the score. Oxford: Berg.

ARMSTRONG, G.; HARRIS, R. 1991. Football hooligans: theory and evidence. *Sociological Review*, v. 39, n.3, p. 427-58.

CLARKE, J. 1978. Football and working class fans: tradition and change. In: INGHAM, R. (Org.). Football hooliganism in the wider context. Londres: Interaction Imprint.

DUNNING, E. 1999. Sport matters: sociological studies of sport, violence and civilization. Londres: Routledge.

DUNNING, E.; MURPHY, P.; WILLIAMS, J. 1988. The roots of football hooliganism. Londres: Routledge.

DUNNING, E.; MURPHY, P.; WADDINGTON, I; ASTRINAKIS, A. 2002. *Fighting fans:* football hooliganism as a world phenomenon. Dublin: University College Dublin Press.

ELIAS, N. 1994 [1939]. The civilizing process. Oxford: Blackwell.

ELIAS, N. 1978. What is Sociology?. London, Hutchinson.

GIULIANOTTI, R. 1999. Football: a sociology of the global game. Oxford: Polity.

HARPER, C. 1989-90. A study of football crowd behaviour. Lothian and Borders Police, mimeo.

HARRINGTON, J.A. 1968. Soccer hooliganism. Bristol: John Wright.

KERR, J.H. 1994. Understanding soccer hooliganism. Filadélfia: Open University Press.

MARSH, P. 1978. Aggro: the illusion of violence. Londres: Dent.

MARSH, P.; ROSSER, E.; HARRÉ, R. 1978. The rules of disorder. Londres: Routledge and Kegan Paul.

MURPHY, P.; WILLIAMS, J.; DUNNING, E. 1990. Football on trial. Londres: Routledge.

PEARSON, G. 1983. *Hooligan:* a history of respectable fears. Londres: Macmillan.

ROVERSI, A. 1994. The birth of the "Ultras": the rise of football hooliganism in Italy. In: GIULIANOTTI, R.; WILLIAMS, J. (Orgs). *Game without frontiers:* football, identity and modernity. Aldershot: Arena.

TAYLOR, I. 1971. Football mad: a speculative sociology of football hooliganism. In: DUNNING, E. (Org.). *The sociology of sport:* a selection of readings. Londres: Frank Cass.

TAYLOR, I. 1982. Putting the boot into working class sport: British soccer after Bradford and Brussels. *Sociology of Sport Journal*, n. 4, p.171-91.

TAYLOR, P., Lord Justice. 1990. Inquiry into the Hillsborough Stadium disaster: final report. Londres: HMSO.

TRIVIZAS, E. 1980. Offences and offenders in football crowd disorder. British Journal of Criminology, v. 20, n.3, p.281-3.

Van der BRUG, 1986. Voetbalvandalisme, Harlem: De Vrieseborch.

Van LINDBERGEN, K.; COLAERS, C.; WALGRAVE, L. 1987. Research on the societal and psycho-sociological background of football hooliganism. Leuven: Catholic University.

WILLIAMS, J.; DUNNING, E.; MURPHY, P. 1989 [1984]. Hooligans abroad. Londres: Routledge.

Tradução: Glauber Lemos

Revisão Técnica da Tradução: Jorge Ventura de Morais